



2024

v.10 n.24

Das listas, inventários, catálogos, coleções e enciclopédias: registros caminhantes de uma sobrevivência das imagens

Jessica de Souza Andrade¹

<https://orcid.org/0000-0001-6150-6732>
<http://lattes.cnpq.br/1105250221912823>
jessica.souza.andrade@usp.br

Ricardo Luis Silva²

<https://orcid.org/0000-0002-6191-8662>
<http://lattes.cnpq.br/5996607827204401>
ricardo.lsilva@sp.senac.br

1 - Mestranda em Antropologia Social pelo PPGAS/USP com a pesquisa em curso Os sentidos do Olido: dinâmicas culturais e transformações urbanas numa centralidade paulistana, sob orientação do Prof. José Guilherme Magnani. Bolsista FAPESP, coordenadora do grupo de estudos NAU Cidades-USP e idealizadora do projeto Nau-Cine, pesquisadora vinculada ao LabNAU (Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo), integrante do corpo editorial da Revista Cadernos de Campo, na mesma instituição e sócia fundadora do estúdio Ceda el Paso.

2 - Professor doutor em crítica, estética e leituras urbanas no curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário Senac SP desde 2013. Formado Arquiteto pela UFSC em 2005, investiga o cotidiano da Cidade, suas temporalidades, seus personagens ordinários, conflitos e constituições subjetivas dos indivíduos urbanos. Atua como caminhante urbano (Trapeiro), garimpando possíveis arqueologias do sensível dentro dos rastros da modernização tecnológica contemporânea através de coleções de objetos encontrados e fotografias de coisas “sem qualidade”. Destes registros surge a “COLEÇÃO DAS COISAS”, registros de objetos ordinários e acontecimentos cotidianos, já publicados em 10 fotolivros (independentes e via financiamento coletivo). É co-fundador do Estudio Ceda el Paso.

Introdução

A revista *Fotocronografias* em sua 25ª edição traz como temática os inventários, os catálogos, as coleções e as enciclopédias, todos entendidos como elementos de tentativas de ordenar e organizar o mundo. Mapas multidimensionais, de tempo e espaço, das experiências e “encontros” dos seres caminhantes e exploradores da vida cotidiana nas/das cidades contemporâneas. O convite feito pelos editores ao *Estudio Ceda el paso* continha uma provocação irrecusável: atrelar importantes eixos de atuação do estúdio: o caminhar como prática e método, a materialização física e subjetiva do espaço urbano e dos cidadãos que a vivenciam, tanto na perspectiva das leituras urbanas provenientes da Arquitetura, quanto daquelas leituras feitas em campo, implicadas no cotidiano de diferentes territorialidades, a fim de aproximar-se das práticas, dinâmicas, redes, trajetórias de vida e sociabilidades desses múltiplos atores sociais via ferramentas provenientes do fazer antropológico. As listas e agrupamentos catalográficos resultados dessa postura ao encarar o espaço urbano contemporâneo, complexo e multifacetado, se configuram como elementos indiciais, vestígios que indicam e apontam possibilidades de compreensão de nossa presença e relação com o mundo.

O caminhar. O visível. O invisível. O antropólogo e o cotidiano

Francesco Careri, na introdução do seu livro *Walkscapes: caminhar como prática estética* (2013), pontua que desde o início da vida humana o ato de atravessar o espaço nasce da necessidade natural de mover-se na busca do alimento e das informações necessárias para a sobrevivência. Mas, uma vez satisfeitas as exigências primárias, o caminhar transformou-se numa fórmula simbólica que tem permitido que o homem habite o mundo e modifique os significados do espaço atravessado. Sendo o percurso uma das primeiras ações estéticas que adentrou os territórios do caos, construiu assim um novo modo sobre o qual se tem desenvolvido a arquitetura dos objetos situados. (Careri, 2013).

No último século o caminhar passou a ser utilizado como prática artística para experimentos de deambulações no espaço. A cidade tornou-se um local ideal de coleta de matéria-prima para muitos artistas, intelectuais e pensadores, por abrigar uma diversidade de indivíduos, cenários e relações, construindo uma vasta teia de estímulos afetivos, sonoros e visuais. “A cidade passou pelo crivo da experiência subjetiva, que a mediou segundo os seus próprios afetos e paixões — constituídos ao frequentar os lugares e ao escutar as próprias pulsões — e confrontou-os com os de outras experiências subjetivas” (Careri, 2013, p.92).

O ato de caminhar produz arquitetura e paisagem e vem ganhando visibilidade e relevância pelos poetas, filósofos e artistas “capazes de ver aquilo que não há, para fazer brotar daí algo” (Careri, 2013, p.18). A provocação que se coloca neste ponto, a partir da perspectiva de Careri é que os cientistas sociais, e mais especificamente o antropólogo urbano, esta persona também é capaz de ver aquilo que não há para fazer daí uma interpretação (Geertz), uma leitura possível, distanciada de tipificações generalizantes e apreensões superficiais ou meramente quantitativas. Logo, o caminhar pode ser entendido como um ato, uma prática autônoma que é capaz de tangenciar áreas diversas, dentre elas a Antropologia, e deste modo pode-se apreender o caminhar como também uma prática etnográfica.

Um dos aspectos fundamentais do caminhar é que, por meio dele, é possível inventar outras modalidades de percepção e leitura dos espaços públicos das cidades, para pesquisá-los e torná-los visíveis. Caminhando ativamente nesse território das alteridades, o pesquisador coloca o corpo em contato direto e irremediável com os rastros de subjetividades, interações, conflitos e disputas, temporalidades e tantos outros aspectos dos imponderáveis da vida urbana, como diria Lévi-Strauss.

O que se pretende é indicar o caminhar como um instrumento estético com potencialidade de descrever e transformar os espaços que muitas vezes apresentam camadas e interrelações que ainda podem ser compreendidas e preenchidas de significados. A experiência do caminhar captura o visível e o invisível da paisagem, das experiências vividas, forjando uma arte do cotidiano. O que nos possibilita pontuar que a experiência do caminhar, munido de um olhar etnográfico/antropológico para o espaço urbano e seus cidadãos, captura o visível e o invisível da paisagem, das relações, disputas, negociações, justaposições [...] compondo uma mirada duplicada, que busca equilibrar o *de perto e de dentro e o de fora e de longe* (Magnani, 2012), tecendo uma malha de múltiplas tramas, o cotidiano.

Tentativas de ordenar e organizar o mundo

Num mundo que está bem adiantado em seu caminho para tornar-se um vasto garimpo a céu aberto, o colecionador se transforma em alguém engajado num consciencioso trabalho de salvamento. (Sontag, 2004, p. 91)

Como conceito, colecionar é parte integrante de formulações humanas como a Memória, a transformação das palavras em linguagem, o desenvolvimento e aproximação da criança com o mundo. Colecionar é ato de rememoração, produção do conhecimento histórico, descontextualização de objetos no espaço e no tempo. Colecionar é reivindicar para si a possibilidade de possuir o mundo, mesmo apenas uma parte insignificante dele, ou até me relacionar distancadamente com o Outro, no caso de coleções de objetos antigos ou encontrados e recolhidos. Colecionar é catalogar, inventariar, organizar, descontextualizar, ressignificar, recriar, reexistir. Colecionar é “desinvestir” o objeto de seu sentido utilitário, é dar-lhe outro lugar no mundo dos objetos. Colecionar é ativar gavetas, arcas, baús, caixas. Colecionar é caminhar, frustrar-se, insatisfazer-se, continuar. Colecionar é um gesto filosófico, um portar-se perante, um exercício de memória prenhe de porvir, um olhar para o passado e para o futuro simultaneamente.

O que realmente ocorre, o que vivemos, o restante, todo o demais, onde está? O que ocorre a cada dia e volta a cada dia, o trivial, o cotidiano, o evidente, o comum, o ordinário, o extraordinário, o ruído de fundo, o habitual. Como dar conta dele, como interrogá-lo, como descrevê-lo? (Perec, 2008, p. 22-3)

Façam o inventário de seu bolso, de sua bolsa. Questionem-se sobre a procedência, o uso e o destino de cada um dos objetos que vão sacando. Perguntem a suas colheres de chá. O que existe embaixo do seu papel de parede? Quantos gestos são feitos para discar um número de telefone? Por quê? Porque não encontramos cigarros nas lojas de comida? Por quê não? (Perec, 2008, p. 24)

É possível buscar similaridades entre coletas, listas, catalogações, inventários e uma narrativa visual? uma forma fotográfica de relato de campo? Este último termo, (relato de campo) referindo-se a labuta do antropólogo, portador de cadernos, diários e não raras vezes, um

coleccionador de discursividades, registros fotográficos, desenhos, mapas e distintos vestígios simbólicos que o ajude a construir suas teorias vividas (Peirano, 2004), que o ajude a encontrar profícuos caminhos e direções de apreensão de suas experiências.

Leituras praticadas enquanto se caminha, passo após passo de um corpo em permanente enfrentamento e inquietação contemporâneos. E na acumulação desses “registros caminhan-tes”, uma conseqüente vontade de reordenar o caos da vida, do corpo, da caminhada, da cidade. Tentativas de ordenamento e sequencialidade, articulação, combinação e invenção de mundos, de tempos vividos, de percepções anotadas. Listas, inventários, catálogos, coleções, enciclopédias [...] agrupamentos múltiplos de imagens, sistemas narrativos via fotografias reunidas.

Os ensaios enquanto caminhos: uma escolha narrativa de percorrer as cidades

Recebemos, após a chamada aberta e pública, diversos trabalhos de alta qualidade estética e conceitual, do qual selecionamos, com a ajuda de pareceristas, 11 artigos para serem publicados na edição 25 da revista. São conjuntos fotográficos em formas de listas, inventários, catálogos, coleções e/ou enciclopédias de experiências antropológicas, etnográficas, artísticas, investigativas, contemplativas, ociosas, realizadas a partir de caminhadas e explorações lentas do mundo social, da vida cotidiana, das relações sensíveis e das formas intersubjetivas que cartografam (até a forma “atlas” caberia aqui) as espacialidades, as temporalidades, as experiências praticadas e as dinâmicas constituídas entre seres (humanos e não-humanos), coisas e lugares.

Em todos os trabalhos, o caminhar foi entendido como método de incorporação do mundo, e inventariar como forma de tentativa de ordenamento e frágil apaziguamento (mesmo que momentâneo) das permanências, dos vestígios, das transformações e das diferentes possibilidades de existência, seja da práxis, da paisagem, do gesto... do vivido, afinal. Para o sequenciamento dos ensaios selecionados, adotamos também um gesto caminhante e coleccionador. Convidamos o leitor a caminhar pelos ensaios como se caminha pela cidade. Quem sabe até uma cidade desconhecida, nova, estrangeira.

Nossas primeiras impressões são para coleções e inventários dos elementos visíveis, palpáveis, concretos, indiscutivelmente presentes. Começamos, talvez bastante freudianos, com o ensaio **Trauma**, de Ivan Padovani. Um inventário de elementos colossais de concreto, em suspensão na paisagem urbana, esperando para serem retomados e incorporados numa aparente obra sem fim das infraestruturas construídas nas cidades.

Dele seguimos com o ensaio intitulado **Projeto RUA — Arte e cidade: práticas e montagem**, de Priscila Bellotti. Um ensaio onde a coleta de fragmentos, quase como arqueologia, dos tantos cartazes e papeis que são diariamente colados sobre quase todas as superfícies das cidades, inclusive nas grandes colunas registradas por Ivan, que vão sendo ressignificados ao se tornarem suporte de impressão de novas fotografias. Imagens também capturadas durante caminhadas inventariantes, mais fragmentos de cidade. Fragmento sobre fragmento. O grande no pequeno, no banal e descartado.

Dessa coleção continuamos para outra, também de elementos ordinários do cotidiano das cidades. Carolina Carmini Mariano apresenta o ensaio **As caixas de correspondência: da aparência à resistência ao desvanecer**, um inventário crítico preocupado com a topografia das coisas na pele da cidade. Nas fotografias de Carolina é possível resgatar indicialmente como nós, cidadãos, nos relacionamos — ainda que em resistência ou mesmo no puro esquecimento habitual e desinteressado — com esses elementos transicionais entre público e privado, numa fresta entre o que é de fora com o que é de dentro de casa, um portal de recepção das comunicações da rua com a casa, de diferente temporalidades.

Adiante em nossa caminhada, reconhecemos nas fotografias de Carolina uma conexão direta, via a cor amarela presente em várias das caixas de correspondências, com a coleção proposta por Ana Claudia Camila Veiga de França no ensaio **Coisas amarelas no final da tarde**. A escolha do amarelo como tema inventariante da lista relaciona o caminhar com duração dos dias, como por exemplo na iluminação do final de tarde, onde se misturam luzes da cidade e raios do pôr do sol. O inventário “ganha corpos” ao encarar e explicitar a condição do corpo caminhante num sentido duplo, tendo em vista a relação de maternagem. Uma condição de cuidado que, em grande parte, atrela-se mais facilmente ao feminino, em decorrência de estruturas machistas e hierárquicas no contexto social.

O mesmo tema encontra-se no ensaio **Mundo em quatro quadras: andanças e maternagem**, de Aline Alves Nakamura. Aqui, além da temática similar, o corpo em estado de maternagem é colocado em tensão, justamente por considerar os esforços, as distâncias percorridas e as experiências possíveis estando com uma criança pequena no colo. Um detalhe interessante é a potência do auto retrato iniciando o ensaio, que remonta Vivian Maier, colocando em evidência o corpo-mãe, a explicitação de um implicar, no registro e no relato da autoria, de uma corporalidade com gênero, raça e marcador social.

Seguindo com a temática do corpo-caminhante, temos o ensaio **O Corpo na Cidade: Caminhadas e Conexões Urbanas**, de Lucas Pamio. O trabalho se apropria da elaboração de listas a partir de caminhadas e experiências urbanas. Além de categorizar os registros realizados, organiza a coleção a ponto de o leitor poder estabelecer sua própria linha de comparação e narrativas cruzadas. Caminhos distintos, em cidades distintas, trazem recorrências e potenciais associações de imaginários e fabulações urbanas.

Das conexões urbanas temos também o ensaio **No corre**, de Leonardo Eichinger. Um trabalho fotográfico e narrativo que vislumbra uma cartografia do cotidiano do cidadão anônimo em forma de pequenos quadros de uma rotina alienante e repressora das subjetividades. Que, ao mesmo tempo, enfatiza a beleza da repetição ou a possibilidade do encontro sublime no ordinário e banal dos momentos encadeados da vida urbana. O texto apresentado versa com a poesia e cria um paralelo equilibrado entre imagem e palavra.

Com as mesmas intenções cartográficas, o ensaio de Katiuci Pavei, **Entre trajetos e trajetórias estudantis da Educação de Jovens e Adultos articula uma cartografia humana**, numa convergência entre retratos pessoais e trajetórias de vidas compartilhadas no ambiente de sala de aula — não qualquer ambiente, uma sala de EJA onde se insere um conjunto sensível

de fragilidades, superações e compartilhamentos que tange profundos aspectos subjetivos. O registro das fotografias de cada aluno e suas respectivas pastas trazem uma consciente intenção do ato catalográfico, principalmente quando são anexadas as caligrafias de cada indivíduo. Uma catalogação individual que posta em coleção potencializa o coletivo dessa travessia de ensino/aprendizado.

Na parte final do grupo de ensaios que integra esse percurso caminhante, nota-se uma atenção etnográfica mais evidenciada para processos que, recorrentemente, repousam na invisibilidade ou são selecionados arbitrariamente para uma efusão de consumo midiático e espetacularizado. No ensaio **O samba em torcidas organizadas: narrativas caminhantes, (sobre) vivências imagéticas que não ganham manchetes**, de Roberto Souza Junior. A provocação de se distanciar de uma perspectiva classificatória e generalizadora acerca dos modos como os membros dos grupos da Gaviões da Fiel e Mancha Verde mobilizam sociabilidades, dinâmicas e práticas que vão além de uma leitura vinculada única e exclusivamente ao futebol e samba. As imagens agenciam o observador/leitor a percorrer estes espaços gregários onde cruzam-se afeto, memória, festividade, religiosidade, política e vínculos que ultrapassam a consanguinidade.

Se Roberto, no ensaio anterior, evidencia o que não sai nas manchetes, o ensaio **Postales de relocalización**, de Romina Olejarczyk, nos faz imaginar o que acontece após uma efetivação de remoção e conseqüente deslocamento e mudança de moradias e pertences. O que se vê é um mobilizar de símbolos, coletas de trajetórias de vida, pertences que encontrarão um novo locus. A coleção fotográfica organizada pela autora nos permite observar camadas de outras coleções em deslocamento. Olhar para o inventário de Romina é reconhecer gestos humanos, movimentos mecânicos, indícios de uma intimidade, vestígios de uma vida vivida que não cessa com a demolição das casas, mas segue ativa e pulsante de novas coletas.

E se começamos com uma questão “traumática”, que frequentemente tendemos a abandonar nos nossos inconscientes — individuais e coletivos — finalizamos a caminhada com o retorno do que foi recalçado. Uma volta da possibilidade, uma pulsão de vida que supera traumas, exclusões, retiradas, faltas, supressões, opressões, violências. Um ensaio que tem a provocação estampada imediatamente em seu título. Nomeando o trabalho com uma pergunta, Candice Didonet nos convoca a seguir caminhando em busca das possibilidades da sobrevivência na cidade e no mundo. Em **Como aprender com as plantas invasoras da reitoria da Universidade Federal da Paraíba?** vemos um vislumbre de resistência e força que a natureza opera em resposta indisciplinada ao controle e cerceamento de práticas e dinâmicas cotidianas impenetrado pelo sistema de controle disciplinar e ordenado de arranjos neoliberais. Didonet sugere, por meio de suas imagens, um convite a outras cosmologias, aguçando o imaginar para além dos limites impostos.

Enfim, o ato etnográfico, o caminhar e a fotografia enquanto potente recurso narrativo criam novas maneiras de tecer esta malha de múltiplas tramas que chamamos de cotidiano.

Referências

CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro — trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

PEIRANO, Mariza. A teoria vivida — Reflexões sobre a orientação em Antropologia. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 6, n. 1, 2, p. 209–218, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/16679>. Acesso em: 13 nov. 2024.

PEREC, Georges. Lo infraordinario. Madri: Impedimenta, 2008.

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004..